

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

17

Ἰσθμίου Παναθηναίων ἑορτῆς ἐπισημοῦς ἡμετέρας

ἡμετέρας ἡμετέρας ἡμετέρας ἡμετέρας ἡμετέρας

MHNIN AEIΔE ΘEA ΠHΛHIAΔEΩ

JOSEP PADRÓ I PARCERISA, *Gramática de l'Egipci Clàssic*, Barcelona: Societat Catalana d'Egiptologia, 2006, 284 pp., ISBN 84-934968-8

«L'Egiptologia és, primer de tot, coneixement de la llengua»

- assim começa a introdução que abre esta oportuna gramática egípcia (pp. I-II) em catalão, de relativa acessibilidade para os leitores portugueses, com a vantagem de ter como seu autor um experimentado egiptólogo que desde há muitos anos lecciona esta matéria na Universidade de Barcelona e em cursos organizados pela Societat Catalana d'Egiptologia. Segue-se a bibliografia essencial (pp. III-IV) com gramáticas, dicionários, textos literários, epigrafia e transcrição de nomes próprios (do egípcio para o catalão).

A primeira parte da obra é dedicada á historia, fonética e escrita, tratando o capítulo 1 da historia da língua egípcia (pp. 3-9), resumindo-se as etapas da sua evolução, desde o egípcio antigo, o egípcio clássico, o neo-egípcio e o demótico, até ao copta, e referindo ainda os possíveis dialectos, sendo de concluir que o egípcio evoluiu de urna língua sintética para uma língua analítica na sua fase final.

O capítulo 2 trata de questões de metodologia (pp. 11-14), alertando para os problemas que o estudo da língua egípcia apresenta, e sublinhando depois a importância da transliteração científica como eficaz instrumento de trabalho.

As características gerais da escrita egípcia são evocadas no capítulo 3 (pp. 15-20), com as normas para a sua correcta disposição estético-gráfica, lembrando que existiram no antigo Egipto outros sistemas de escrita cursivos derivados do hieroglífico como o hierático, o demótico, aparecendo mais tarde e o copta, que teve origem no sistema alfabético grego.

O capítulo 4 ocupa-se da escrita hieroglífica e fonética (pp. 21-40), desde os ideogramas (pictogramas, ideogramas de acção, ideogramas simbólicos) aos fonogramas, com as fundamentais unilíteras (correspondendo a um «alfabeto», que talvez fosse melhor colocar entre aspas), as bilíteras e as trilíteras, e depois os determinativos.

Segue-se o capítulo 5 dedicado á ortografia (pp. 41-48), onde se explicitam algumas regras para o uso de complementos fonéticos, as diferentes possibilidades para a redacção de uma palavra, as alterações da ordem normal de apresentação dos signos (por anteposição gráfica ou honorífica), a escrita pseudo-defectiva e as convenções gráficas.

A segunda parte da obra trata da morfologia e sintaxe da oração simples, e, prosseguindo os capítulos anteriores, faz uma introdução à

sintaxe das orações simples (pp. 49-60), descrevendo-se o método adoptado com a morfologia e a sintaxe. Segue-se a oração gramatical, o predicado e o verbo e os tipos de oração existentes em egípcio clássico.

O capítulo 7 apresenta o substantivo e as partes elementares da oração (pp. 53-59), com o substantivo, o género e o número, sublinhando a presença do dual. Explica as funções do substantivo e incide sobre as outras partes elementares da oração, depois o adjectivo e o adjectivo predicado, o verbo e as preposições.

A construção de orações simples é o tema do capítulo 8 (pp. 61-63), sendo aqui estudada a ordem dos elementos dentro da oração, a oração com predicado verbal, com predicado adjectival, com predicado substantivai (ou nominal) e com predicado preposicional (ou adverbial).

O capítulo 9 introduz os pronomes pessoais (pp. 65-72), começando com os pronomes sufixos e as suas funções, os pronomes dependentes e as suas funções, os pronomes independentes e as suas funções, seguindo-se as partículas proclíticas, isto é, elementos que na frase correspondem a chamadas de atenção.

As formas simples do verbo constam do capítulo 10 (pp. 73-78), com os verbos fortes, fracos, geminados, causativos, e as formas verbais simples, o modo, o aspecto, a voz activa e passiva, o verbo ser ou estar e suas funções.

Com o capítulo 11 é introduzida a construção dos quatro tipos de orações com os seus elementos de substituição e de precisão (pp. 79-86), explicitando-se a regra acerca da ordem da oração com pronomes, as orações com predicado verbal, adjectival, substantivai (ou nominal) e preposicional, o uso do *m* de equivalência, *hr* + infinitivo, a preposição *r* como futuro, e *r* + infinitivo.

O adjectivo é o tema do capítulo 12 (pp. 87-92), começando pelo adjectivo qualificativo, o grau de comparação e o superlativo, e continuando com a forma de substantivação do adjectivo, o adjectivo indefinido e o demonstrativo, com as modalidades *pw* e *p3*.

No capítulo 13 são contempladas as partes invariáveis da oração (pp. 93-96), com os advérbios, preposições (simples e compostas) e conjunções, as partículas proclíticas e enclíticas, as interjeições e os numerais.

As formas compostas do verbo estudam-se no capítulo 14 (pp. 97-100), primeiro com úteis observações sobre os verbos compostos e depois com a denominação dos verbos compostos.

Segue-se a forma de estado no capítulo 15 (pp. 103-106), a sua colocação e significado e o uso da forma de estado.

O genitivo directo e o genitivo indirecto são apresentados no capítulo 16 (pp. 107-110), dedicado ao complemento determinativo do nome.

No capítulo 17 estudam-se a sintaxe do infinitivo e os modos dos verbos auxiliares (pp. 111-114), com as funções verbais e nominais do infinitivo, os modos prospectivo e imperativo, e os verbos auxiliares *iw*, *wnn* e *77'*.

O capítulo 18 é dedicado à negação, referindo-se o uso do adjectivo *nn* na sua interpretação de «inexistente», e à interrogação (pp. 115-117).

A matéria adensa-se com a terceira parte, dedicada à sintaxe das orações compostas. A abrir vem o capítulo 19 (pp. 121-123), com as orações subordinadas completivas ou infinitivas, as orações completivas sujeito e orações completivas complemento directo.

O capítulo 20 introduz as orações subordinadas relativas (pp. 125-138), que inclui as orações relativas explícitas e as orações relativas explícitas de forma não verbal, seguindo-se os adjectivos *nisbe*, incluindo as formas *nisbe* derivadas de proposições, o adjectivo-pronome relativo *nty/iwty* e o uso de *nty*. Depois vêm as orações relativas explícitas de forma verbal, o participio com o seu uso e a sua sintaxe, a forma verbal relativa, o uso do participio e da forma verbal relativa, as formas relativas e as suas conexões com o verbo na voz activa ou na voz passiva, a forma *sedjemty fy*, as orações relativas implícitas, as orações de forma verbal e de forma não verbal.

Finalmente, com as orações subordinadas circunstanciais, tema do capítulo 21 (pp. 139-142), é o estudante instruído nas orações circunstanciais nos seus diversos tipos: orações circunstanciais temporais, condicionais, comparativas, causais, finais, consecutivas, concessivas, terminando com as conjunções que introduzem orações circunstanciais.

O volume remata com os Apêndices (pp. 143-000), os quais incluem exercícios, a lista de signos hieroglíficos, que segue a clássica proposta de Alan Gardiner, um índice de signos hieroglíficos, um vocabulário egípcio-catalão e catalão-egípcio e, por fim, uma antologia de textos que oferece ao estudante peças clássicas do Império Médio *O Conto do Naufrago* (Historia del Naufrag, do *Pap. Petersburgensis 1115*, 1-66), «O Passeio Náutico» (El Conte de les Remadores, do *Pap. Westcar 4,17-6,22*), *A Aventura de Sinuhe* (Historia de Sinuhé, do *Pap. Berolinensis 3022 B*, 129-146), e algumas «Lamines d'epigraphia: Inscriptiões jeroglíficas».

Apenas se lamenta que o esquema de línguas apresentado na p. 3 não seja de fácil interpretação, ele merecia um tamanho superior pois o diminuto corpo de letra utilizado dificulta bastante a leitura.

Trata-se de uma obra com um alcance pedagógico deveras útil, sobretudo para os que tencionam aprender a complexa escrita hieroglífica usada no antigo Egipto (neste caso o egípcio clássico, que depois continuaria pelos séculos seguintes), em especial os alunos que na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa frequentam a cadeira de Escrita Hieroglífica oferecida pelo Departamento de História desde há alguns anos.

Luís Manuel de Araújo

CHRISTIAN JACQ, *Viagem ao Egipto dos Faraós*, Porto: Edições ASA, 2006, 220 pp.. ISBN 972-41-4574-3

O incansável egiptólogo Christian Jacq, tendo descoberto que lhe dá muito mais lucro publicar romances históricos que dar aulas, tem produzido nos últimos anos vários textos que são do agrado do público em geral e das editoras em particular, que vêem nos temas relacionados com o antigo Egipto um filão inesgotável. Uma vez por outra, Jacq deixa o romance e decide publicar textos de outro tipo como o que aqui apreciamos - «uma iniciação ao universo egípcio através das suas grandes criações», como se anuncia na capa do volume, graficamente bem elaborada.

A obra corresponde a um percurso, já que é uma viagem pelo Egipto, com laivos de topografia cultural, de norte para sul, partindo de Tānis até Abu Simbel. Abre com um mapa do Egipto (p. 10), seguindo-se a Introdução (pp. 11-17), que inclui um resumo histórico, a evocação da instituição faraónica, os deuses, o templo egípcio, a arte, e o anúncio do itinerário que no livro se vai percorrer. E é aqui precisamente que se colhe a finalidade do autor: «Nesta pequena obra, que não tem outro fim senão o de ajudar o viajante a levar a cabo uma descoberta inicial do universo egípcio, limitei-me a alguns pontos de referência tentando evocar a alma dos sítios mais importantes e as suas principais características» (p. 17).

Segue-se o quadro geográfico (p. 18), o rio Nilo (pp. 19-20), Tānis e a nostalgia do Delta (pp. 21-24), um «sítio» inesgotável: o Museu do Cairo (pp. 25-27), Mênfis, a desaparecida, e a serenidade de Ramsés (pp. 28-30), Guiza ou a região da luz (pp. 30-43), onde se dá destaque à Esfinge como «guardiã da luz», ao significado e função das pirâmides, com descrição da Grande Pirâmide de Khufu, a pirâmide e templo de Khafré, e a mais modesta pirâmide de Menkauré, sintetizando-se